

**[TRADUÇÃO]****CHRISTINE M. KORSGAARD<sup>1</sup>****ENCARANDO O ANIMAL QUE VOCÊ VÊ NO ESPELHO  
UMA PALESTRA DE CHRISTINE M. KORSGAARD****FACING THE ANIMAL YOU SEE IN THE MIRROR  
A LECTURE BY CHRISTINE M. KORSGAARD**

Traduzido do original em inglês por

**GUSTAVO HENRIQUE DE FREITAS COELHO<sup>2</sup>**  
(UFU/Brasil)**ANDREIA LIMA CAMPOS<sup>3</sup>**  
(UFRJ/Brasil)

*Esta palestra foi proferida como parte do Painel de Discussão Voltado aos Animais, realizado na Universidade de Harvard em 24 de abril de 2007.<sup>4</sup>*

O que significa ser um animal? Cerca de 600 milhões de anos atrás, certas formas de vida orgânica neste planeta começaram a acordar, e se tornaram cientes de seus arredores. Elas se descobriram com fome, e alvo do interesse indesejado por parte de outros que estavam com fome. E por essas duas razões, elas tiveram que trabalhar para cuidar de si mesmas. Para estimulá-las a fazer isso, a natureza fez muitas delas capazes de dor, e de terror. Mas algumas delas também eram capazes de sentimentos opostos, de prazer e segurança. E, além desses vários sentimentos, cresceram sentimentos de interesse e tédio, pesar e alegria, de laço familiar e hostilidade a forasteiros. Essas formas de vida são construídas de tal maneira que não podem deixar de lutar para permanecerem vivas, e talvez até mesmo se preocuparem com suas vidas. E poucas delas sabem que são, apesar disso, seres efêmeros. As formas de vida orgânica compartilhando essa estranha aventura evolucionária são os animais, e você e eu estamos entre eles. Isso levanta uma questão moral: Como deveríamos interagir com os outros?

Vários dos problemas morais de que falamos em Filosofia são destinados a ilustrar as características gerais das teorias éticas, e não aparecem muito na vida cotidiana. Em momentos críticos de sua vida você

pode encarar a questão se faz um aborto, ou interrompe o cuidado médico de um ente querido moribundo. Mas poucos de nós, como indivíduos, terá algum dia que decidir se tortura um terrorista que sabe a localização de uma bomba-relógio – embora nós possamos ter que votar leis concernentes a questão. E estou disposta a apostar que ninguém nesta sala terá algum dia que decidir se empurra um homem gordo no caminho de um bonde desgovernado que está correndo em direção a cinco pessoas inocentes amarradas no trilho. Mas você toma decisões sobre como vai interagir com os outros animais várias vezes todos os dias<sup>5</sup>. Você toma essas decisões quando decide quais cosméticos usar pela manhã, quando calça seus sapatos e pega sua bolsa ou sua pasta, no café da manhã, almoço e jantar, e em várias outras ocasiões das quais você pode até não estar ciente. Decisões morais sobre como nós deveríamos tratar os outros animais são inevitáveis, e é por isso que é essencial nós darmos ao assunto alguma atenção.

Existem dois conjuntos gerais de problemas morais que surgem sobre animais não-humanos. Um é amplamente ecológico e diz respeito principalmente à relação da espécie humana com outras espécies tomadas como um todo. O outro conjunto de problemas diz respeito às nossas relações com animais não-humanos individuais. Esses dois conjuntos de problemas podem se sobrepor: nossa população crescente e a resultante invasão dos habitats animais está ameaçando à extinção várias outras espécies, mas com certeza, está fazendo isto causando mortes prematuras de vários indivíduos daquelas outras espécies. Mas as soluções para esses dois tipos de problemas podem também estar tragicamente em desacordo. Com o intuito de preservar o equilíbrio ecológico entre as várias espécies – um equilíbrio que nós mesmos bagunçamos – nós podemos ser confrontados com a necessidade de abater populações matando os indivíduos de fora. Para reintroduzir predadores órfãos na selva, podemos ter que fornecer-lhes presas para praticarem, assim como suas mães às vezes fazem. Em minhas observações de hoje, eu vou deixar de lado as questões ecológicas, por mais prementes que sejam, e falarei sobre a ética do nosso relacionamento com animais não-humanos individuais. Nessas breves observações eu não terei tempo para falar muito sobre o que nós podemos ou não fazer: em vez disso, eu quero falar de uma forma geral sobre por que, afinal, nós temos deveres para com os outros animais, e por que esses deveres não devem ser tão fracos quanto várias pessoas acham que são.

Então, por que importa como nos relacionamos com animais não-humanos individuais? Isso importa porque, como eu acabei de sugerir, vários desses indivíduos são centros complexos de subjetividade, seres

conscientes, que experimentam prazer e dor, medo e fome, alegria e tristeza, apego a outros indivíduos específicos, curiosidade, diversão e brincadeira, satisfação e frustração, e o prazer da vida. E estas são todas as coisas que, quando nós as experienciamos, tomamos para fundamentar reivindicações morais em consideração a outros. Nós pensamos que é errado quando pessoas nos matam ou nos fazem sofrer para promover seus próprios fins, ou quando nos separam involuntariamente daqueles que amamos. Isso é errado apenas por que somos seres humanos? Por que exatamente seria assim? Nossa própria capacidade para esses tipos de experiências está firmemente ancorada em nossa natureza animal – e esse é um ponto ao qual voltarei. Portanto, entendo que o ônus da prova recai sobre aqueles que pensam que nós não temos deveres para com os outros animais. Nossa natureza humana certamente muda a forma como experimentamos dor e prazer, apego e tristeza, e vida e morte em si mesmas, de maneiras profundas e importantes, e isso afeta os detalhes dos nossos deveres para com os outros animais. Mas por que nós deveríamos pensar que essas diferenças são tais que tornam errado impor morte, perda ou sofrimento a outro ser humano, mas não a outro animal? Que diferença entre nós e eles poderia tornar isso verdade?

Poucas pessoas, eu penso, concordam com a famosa visão de Descartes de que animais não-humanos são meras máquinas, sem qualquer forma de consciência. Mas eu acho que várias pessoas estão convencidas de que os outros animais têm uma consciência tão turva e fragmentada que tudo que realmente importa é que os poupemos de dor desnecessária. Mesmo que isso fosse verdade, muitas de nossas práticas atuais seriam questionadas – experimentos em animais que são totalmente desnecessários, por exemplo, como os testes de produtos cosméticos. Mas, de qualquer forma, não acho que os fatos confirmem essa visão. O biólogo Thomas Eisner considera que mesmo insetos provavelmente sofram de dor<sup>6</sup>, e existe boa evidência de que peixes também. Portanto, deveríamos acreditar que mamíferos altamente inteligentes e pássaros, que levam vidas sociais complexas, não têm uma forma de consciência mais sofisticada do que um inseto ou um peixe? A evidência sugere o contrário: muitos mamíferos e pássaros sofrem não apenas de sensações dolorosas, mas de estresse, tédio e terror, e por serem privados da companhia daqueles a quem estão apegados, da mesma forma como eles podem apreciar brincar, explorar, amor, família e diversão. Eu não estou pedindo para você acreditar em mim, é claro; isso é uma questão empírica. Dado o quão urgentes são as questões morais, eu gostaria de encorajar todos a lerem sobre os animais não-humanos, para descobrir como eles realmente são. Uma crescente

literatura científica sugere que muitos de nós temos subestimado a inteligência e complexidade emocional dos outros animais.

Muitas pessoas concordariam que os outros animais são conscientes e podem sofrer dor, terror e perda, e que essa é uma razão para o tratamento compassivo. Mas elas também parecem pensar que essa razão é muito fraca – tão fraca que é superada por quase qualquer motivo que seres humanos possam ter para matar os outros animais ou fazê-los sofrer – até mesmo um motivo tão trivial quanto o de que gostamos de comê-los. O que faz com que as razões contra infligir morte e sofrimento em seres humanos sejam tão fortes, e aquelas contra infligir morte e sofrimento em outros animais sejam tão fracas? É comum as pessoas pensarem que essa questão depende, de alguma forma, se existe realmente alguma grande diferença entre os seres humanos e os outros animais. Então, defensores filosóficos dos direitos animais ou do bem-estar animal frequentemente argumentam que não existe uma diferença tão grande: eles são, como podemos chamá-los, “gradualistas” sobre a distinção humano/animal.

Eu acabei de dizer algumas coisas que podem fazer você pensar que eu abraço tal visão “gradualista” sobre as diferenças entre humanos e animais. E eu realmente penso que uma história gradualista é plausível sobre inteligência, emoção, e capacidades sociais complexas tal como simpatia, altruísmo e a habilidade de achar o seu lugar em uma ordem social<sup>7</sup>. Mas, na verdade, eu estou entre aquelas que pensam que, realmente, é provável que exista uma grande diferença entre os seres humanos e os outros animais. No entanto, grande diferença em questão não dá suporte à visão de que nós não temos deveres para com os outros animais, ou que nossos deveres para com eles são muito fracos. Deixe-me tentar explicar o que eu penso que esta diferença é.

Às vezes se diz que os seres humanos são os únicos animais que são autoconscientes. Os animais são cientes do mundo, mas não de si mesmos. Mas, na verdade, a questão é bem mais complicada que isso, visto que autoconsciência, como outros atributos, aparece em graus e assume muitas formas diferentes. Uma forma de autoconsciência é revelada pelo teste do espelho<sup>8</sup>. Mas eu penso que se pode argumentar que animais que não passam no teste do espelho têm formas rudimentares de autoconsciência. Um tigre que fica na direção do vento da presa pretendida não está somente ciente da sua presa – ele também está localizando a si mesmo em relação à sua presa no espaço físico, e esta é uma forma rudimentar de autoconsciência. Um animal social que faz gestos de submissão quando um animal dominante entra em cena está localizando a si mesmo em um espaço social, e isto também é uma forma de autoconsciência. Paralelo a essas habilidades estaria a capacidade de localizar a si mesmo no espaço mental,

localizar a si mesmo em relação aos seus próprios pensamentos e emoções e, em particular, reconhecê-los como sendo seus. Isto é o que nós mais comumente concebemos como autoconsciência, uma ciência reflexiva de nossa própria ciência, por assim dizer. Os outros animais têm essa habilidade de localizar a si mesmos em um espaço mental subjetivo? Alguns dos animais treinados com linguagem podem expressar a ideia “eu quero” – a gorila Koko e o papagaio africano cinza Alex, dois animais famosos treinados com linguagem, podem ambos fazer isso – então, talvez eles tenham a habilidade de pensar sobre seus próprios estados mentais. Mas também é possível que eles tenham somente aprendido que tais expressões produzirão o efeito desejado, assim como meu gato sabe que miar para mim quando estou perto do armário onde as guloseimas são guardadas produzirá o efeito desejado. Alguns cientistas também apontaram para casos de dissimulação, ao sugerir que alguns animais são cientes dos pensamentos de outros, e por isso, presumivelmente, de seus próprios. A evidência sobre estas questões é, eu penso, inconclusiva.

Mas não há dúvida de que nós, seres humanos, somos cientes de nossa localização no espaço mental de uma forma muito importante – nós somos, ou podemos ser, cientes dos fundamentos de nossas crenças e escolhas, de nossas razões para pensar e agir como o fazemos<sup>9</sup>. Quando estou ciente, não apenas de que eu tenho um certo desejo ou medo, digamos, mas de que eu estou tentado a fazer algo baseado neste desejo ou medo, então isso torna possível para mim dar um passo atrás a partir dessa conexão e avaliá-la: perguntar se meu desejo ou medo me provê com uma boa razão para realizar a ação em questão. E isto me permite assumir a responsabilidade pelo que eu faço. Esta forma de autoconsciência, eu penso, é o que torna os seres humanos animais racionais e morais, e esta é a única grande diferença que eu tenho em mente. Os outros animais levam vidas que são governadas, eu acredito, pelos seus instintos, desejos, emoções e apegos. Porque temos a capacidade de avaliar a influência de nossos instintos, desejos, emoções e apegos em nossas ações, não somos completamente governados por eles. Temos a capacidade de sermos governados, ao contrário, por valores e padrões normativos, por uma concepção do que nós devemos fazer<sup>10</sup>. Nós somos animais morais.

Esta é uma grande diferença. Mas o que se segue desta diferença não é que não tenhamos deveres para com os outros animais: o que mais obviamente se segue é que eles não têm deveres para conosco, ou uns para com os outros. Se segue deste fato que nós não devemos nada a eles, ou muito pouco? Kant acreditava que apenas seres que podem fazer demandas morais para si mesmos podem fazer demandas morais uns aos outros e,

portanto, que apenas nossos semelhantes, seres racionais, podem nos demandar obrigações. Cada um de nós se considera como um fim em si mesmo, um ser com valor inerente, e por esse motivo, exige reconhecimento e respeito de outros que também são capazes de valorar. O que isto deixa de fora, entretanto, é que o que nós exigimos, quando exigimos este reconhecimento, é que nossos interesses naturais – os objetos de nossos desejos naturais, interesses e afeições – recebam o status de valores, valores que devem ser respeitados tanto quanto possível pelos outros. E vários daqueles interesses naturais – o desejo de evitar dor é um exemplo óbvio – brotam de nossa natureza animal, não de nossa natureza racional. Que é errado fazer um animal sofrer é algo que você já acredita, uma vez que existe um animal – você mesmo – cujo sofrimento você declara ser moralmente censurável. Portanto, embora seja a nossa natureza racional que nos habilita a valorar a nós mesmos e aos outros como fins em si mesmos, o que nós valorizamos, o que nós declaramos ser um fim em si mesmo, inclui nossa natureza animal tanto quanto nossa natureza racional e humana<sup>11</sup>.

É uma questão diferente se nós podemos razoavelmente valorar vidas humanas muito mais do que vidas animais quando a escolha nos confronta. Mas, mesmo que possamos, isso não significa que podemos ser irresponsáveis com vidas animais. Talvez seja verdade que um ser humano que perde sua vida perde algo mais complexo, rico e conexo do que outro animal que perde sua vida. Mas, por outro lado, um ser humano e um animal não-humano que perdem suas vidas perdem ambos tudo o que têm. Há algo imponderável sobre a comparação.

No começo de minhas observações eu disse que nós tomamos decisões éticas sobre como interagimos com outros animais muitas vezes todo dia. Por essa mesma razão, algumas pessoas são relutantes em encarar a ideia de que talvez nós devamos um tratamento melhor aos outros animais do que estamos dando a eles agora. A crueldade com animais está integrada dentro da estrutura de nossas vidas de maneiras que tornam isto difícil de evitar, e existem duas razões para isso. A primeira é que isto está integrado dentro de nossas instituições sociais, culturais e econômicas. De fato, isto está integrado dentro da linguagem, assim como está o sexismo: enquanto eu escrevia essas considerações, o editor automático no meu processador de texto ficava reclamando que eu estava cometendo um erro gramatical toda vez que eu me referia a um animal não-humano como um alguém ou ela ou ele, ao invés de aquilo ou isto. Um erro gramatical! Se você decide que não deveria matar animais ou fazê-los sofrer, você irá descobrir que sua decisão é impedida pela cultura. É preciso esforço para encontrar produtos que não foram testados em animais ou que

não foram feitos de animais. É praticamente impossível acabar não se beneficiando de pesquisa médica que é baseada em experimentos em animais e que tenha envolvido sofrimento horrível. Esta é uma razão. A segunda razão é que a crueldade entre animais é integrante da própria natureza. Vida preda vida: esse é o sistema da natureza. Eu acho que é importante manter esses fatos em mente, e admitir que é genuinamente difícil evitar prejudicar os outros animais. Não deveríamos ser muito duros com nós mesmos, ou uns com os outros; cada um de nós tem que achar o seu próprio caminho para transpor essas questões difíceis. Mas eu não penso que o fato de ser tão difícil tratar os outros animais corretamente é uma razão para não tentar fazer muito melhor do que fazemos.

E algumas das formas que nós podemos fazer melhor são fáceis. Em sociedades ocidentais modernas ricas, produtos frescos de todo o mundo estão disponíveis durante o ano inteiro, e as culinárias deliciosas de várias culturas vegetarianas estão disponíveis para nós. Em sociedades ocidentais modernas ricas, animais usados para comida são processados por meio do sistema de criação intensiva, um dos mais cruéis sistemas em larga escala que nós já concebemos, e uma verdadeira vergonha para nossa humanidade. Coloque essas duas coisas juntas de um lado e o que existe contra elas do outro lado – que você gosta do sabor de frango?

Algumas pessoas argumentariam que o fato que mencionei anteriormente – que é simplesmente o sistema da natureza da vida preda vida – é uma desculpa para comer animais e até para tratá-los como quisermos. É natural. Mas, a fim de expressar isto de certa forma paradoxalmente, é precisamente nossa natureza, a natureza humana, que impõe padrões mais elevados sobre nós mesmos do que aqueles que a natureza nos dá. No final, a humanidade será o que nós fizermos dela. Deveríamos ser somente a mais inteligente de todas as espécies, aquela que encontrou maneiras eficientes e vantajosas de fazer uso de tantas outras espécies, e que está empurrando o resto delas para fora da superfície do planeta? Ou deveríamos ser a espécie que tenta responder com respeito e compaixão aos outros animais que compartilham nosso destino enquanto seres vivos conscientes? Os organizadores dessa sessão chamaram-na de “encarando animais”. Um dos animais que você precisa encarar é aquele que você vê no espelho toda manhã. E uma coisa que pode tornar isto um pouco mais fácil é fazer o quanto pudermos para evitar vivermos às custas dos outros animais.

## Notas

<sup>1</sup> Christine M. Korsgaard é professora de Filosofia da Arthur Kingsley Porter na Universidade de Harvard, onde atuou anteriormente como chefe de departamento por seis anos. Sua pesquisa principal é em filosofia moral histórica e contemporânea, especificamente nas áreas de razão prática, agência e normatividade. Além de ser uma das principais intérpretes e defensora da filosofia prática de Kant, Korsgaard publicou trabalhos originais em teoria ética, incluindo *The Sources of Normativity* (1996) e seu recente *Self-Constitution: Agency, Identity, and Integrity* (2009). Ela está atualmente trabalhando nas diferenças entre animais humanos e não-humanos, com o objetivo tanto de compreender a natureza da racionalidade quanto de responder a questões sobre como devemos tratar os outros animais.

<sup>2</sup> Gustavo Henrique de Freitas Coelho é graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade de Franca (2015), e graduado (licenciatura e bacharelado) em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Possui especialização em Ciências da Religião pela Faculdade Famart (2020). É fundador, coordenador e pesquisador do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Ética Animal da UFU (UFU/CNPq). Atualmente, é graduando em História (UFU), mestrando em Filosofia (UFU) com pesquisa sobre xenotransplantação, e pós-graduando em Direito Animal pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7075-851X>.

<sup>3</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o tema "Éticas expansivas e uso de animais em pesquisas. Uma crítica ao especismo na ciência." Mestra em Filosofia da História pela mesma instituição com o tema "Crítica e Redenção em Walter Benjamin: para uma Filosofia materialista-messiânica da História". Graduada em Filosofia também pela UFRJ, tendo como trabalho de final de curso o tema "O conceito de Justiça na República de Platão". Foi Orientadora do curso de Especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Ensino à Distância (PIGEAD) do Laboratório de Novas Tecnologias do Ensino (LANTE) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em várias linhas de pesquisa. Leciono na Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC) como professora de Filosofia em turmas de ensino médio. Minha atuação se concentra principalmente nos seguintes temas: Filosofia, Ética, Bioética, Ética aplicada, Ética prática, Ética animal, Filosofia da História, Educação, Educação a Distância (EAD), Produção de Material Didático em EAD (PMD), Ambientes Virtuais e Mídias de Comunicação (AVMC), Sistemas de tutoria em cursos a Distância (STCD). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9384-543X>.

<sup>4</sup> Nota dos tradutores: publicado em *The Harvard Review of Philosophy*. Volume 16, Edição 1, Outono 2009, pp.4-9. <https://doi.org/10.5840/harvardreview20091611>. Disponível em: [https://www.pdcnet.org/harvardreview/content/harvardreview\\_2009\\_0016\\_0001\\_0004\\_0009](https://www.pdcnet.org/harvardreview/content/harvardreview_2009_0016_0001_0004_0009)

<sup>5</sup> Eu devo esta formulação à Charlotte Brown.

<sup>6</sup> Eisner, *For love of insects* (Harvard, 2003), pp. 249-253.

<sup>7</sup> Alguns têm apontado para a evolução dessas complexas capacidades sociais, especialmente o altruísmo, para mostrar que uma história gradualista sobre o que eu estou chamando de uma grande diferença – o fato de que nós somos animais morais – também é possível. Eu realmente penso que essas coisas são relevantes para a evolução da moralidade, mas penso que é principalmente por que elas são provavelmente relevantes para a evolução da forma especial de autoconsciência que eu estou prestes a descrever no texto. Eu não compartilho da visão comum de que as raízes da moralidade na natureza animal são melhor demonstradas pelo altruísmo. Eu penso que a coisa mais próxima à moralidade no mundo animal aparece no fenômeno da resposta aos animais dominantes. Um animal que aprende a abster-se de uma ação que ele claramente quer realizar, quando na presença de um dominante, aprendeu um pensamento muito parecido com “eu supostamente não devo fazer isto”. Em seu relato sobre o desenvolvimento da moral, em *A Theory of Justice* (Harvard, 1971, 1999), John Rawls identifica “a moralidade da autoridade” como o primeiro estágio do desenvolvimento moral de uma criança humana. Neste estágio uma criança tem algum senso de que ela “deveria” fazer o que seus pais amados querem que ela faça. “A moralidade da dominação” pode ser vista como um estágio biológico imediatamente anterior a este, ou, no caso de, digamos, cães, mesmo se sobrepondo a ele.

<sup>8</sup> No teste do espelho os cientistas pintam uma mancha vermelha no corpo de um animal e depois o colocam em frente a um espelho. Se o animal investiga o local em que foi pintada a mancha utilizando o espelho ou algo assim, esta é uma evidência de que o animal reconhece a si mesmo no espelho, e está curioso sobre o que aconteceu com seu corpo. (Obviamente, o experimento precisa de mais controles do que eu descrevi - você pode consultar a literatura para ver quais são). Macacos, elefantes e golfinhos passaram neste teste, portanto, argumenta-se que eles têm alguma forma de autoconsciência. Outros animais nunca reconhecem a si mesmos, e alguns em vez disso ficam se oferecendo para brigar com a imagem no espelho, ou se engajam em algum outro tipo de comportamento social com ele. O teste do espelho parece mostrar uma forma de autoconsciência que vai além das habilidades de “autolocalização” física e social que eu descrevo no texto, mas eu acho isto surpreendentemente difícil para articular exatamente o porquê. Talvez nossa percepção seja de que um animal que pode reconhecer a si mesmo no espelho - este sou *eu* - está reconhecendo seu corpo como o *locus* de sua subjetividade, e está, portanto, ciente da sua própria subjetividade.

<sup>9</sup> Estritamente falando, eu não penso que os fundamentos de nossas ações contem como razões para elas, até que os tenhamos endossado em reflexão.

<sup>10</sup> Este é um resumo de uma visão que eu defendo em *The Sources of Normativity*, Cambridge, 1996.

<sup>11</sup> Defendo essa visão com mais detalhes em “*Fellow Creatures: Kantian Ethics and Our Duties to Animals*” em *The Tanner Lectures on Human Values*, ed. Grethe B. Peterson. Volume 25/26 (2004). Salt Lake City: University of Utah Press; e no site Tanner Lecture [www.TannerLectures.utah.edu](http://www.TannerLectures.utah.edu).

*Received/Recebido:* 04/09/2024  
*Approved/Aprovado:* 28/05/2025  
*Published/Publicado:* 31/05/2025